

As Ciências Humanas e a Produção Criativa Humana

**Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)**

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

As Ciências Humanas e a Produção Criativa Humana

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Geraldo Alves

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C569 As ciências humanas e a produção criativa humana [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-208-1

DOI 10.22533/at.ed.081192903

1. Antropologia. 2. Teoria do conhecimento. 3. Pesquisa social.
I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza.

CDD 301

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

As ciências Humanas e a Produção Criativa Humana

Considerando a relevância que vem sendo dada a criatividade no contexto social contemporâneo, analisar as produções científicas brasileiras sobre a criatividade na educação. A Criatividade, um fenômeno tão caprichoso e flexível de complexa definição.

Os desafios que surgem diariamente em nossa sociedade, nos requerem a capacidade de apresentarmos soluções a nossos problemas de maneira inteligente e criativa, portanto, é esta criatividade que nos direciona cada vez mais a novidade, seja através de um novo conceito, uma inovação, ou descoberta de uma nova realidade. Há quem pense que a criatividade é um talento nato, privilegio de algumas pessoas, no entanto todos nascemos com potenciais de criatividade, porém seu desenvolvimento requer uma constante utilização. O ideal seria se todos nós tivéssemos o potencial criativo estimulado em todas as fases de nossa vida, em todos os ambientes aos quais nos relacionamos. No entanto, a realidade nos apresenta situações, vivências e experiências diferentes, devido ao contexto social, histórico e cultural nos quais estamos inseridos. O ambiente familiar e escolar, recebe uma atenção especial, por ser os locais essenciais ao estímulo da criatividade, entretanto esse potencial as vezes é deixado de lado no ambiente escolar, uma vez que o mais importante neste ambiente é ser aprovado. Na realidade do ensino no Brasil e do próprio estudante que, por diversos fatores, como por exemplo o próprio meio escolar, familiar, social, histórico e cultural, dificultam seu desenvolvimento criativo, limitando seus projetos aos mais usuais. Apesar da criatividade ter sido amplamente pesquisada e estudada, tanto no campo da filosofia, quanto nos campos da psicologia e pedagogia, ciências humanas ou humanidades são conhecimentos criteriosamente organizados da produção criativa humana, estudada por disciplinas como filosofia, história, direito, antropologia cultural, ciência da religião, arqueologia, teoria da arte, cinema, administração, dança, teoria musical, design, literatura, letras apresentando várias contribuições em seus estudos, acreditamos que a produção científica criativa por estudantes e sociedade de modo geral é em sua maioria escassa, talvez por falta de recursos e até mesmo da própria criatividade das partes envolvidas. Nesta perspectiva, acreditamos que o desenvolvimento do potencial criativo no ambiente escolar, partindo da premissa de que a criatividade possibilita a motivação do estudante no processo de ensino-aprendizagem, torna-se possível assegurar que a partir da criatividade os alunos possam assumir um papel ativo neste processo, criando, decidindo e não apenas aceitando passivamente o que lhe é imposto pelo docente e ambiente educacional. A educação precisa ser vista como uma possibilidade de liberdade e criação, libertando o educando de ideias convencionais. O professor ao ensinar deve possibilitar um despertar a curiosidade do discente, capaz de conduzir o espírito investigativo, direcionando os alunos a exploração do conhecimento. Considerando que a criticidade tem certa relação com à criatividade, sendo que onde há criatividade, há criticidade,

logo, a partir da criatividade, poderemos possibilitar também o desenvolvimento do pensamento crítico reflexivo, comportamento que consideramos importante para o desenvolvimento de uma sociedade. Nosso trabalho aqui é mostrar que é possível compreendermos um pouco mais sobre a criatividade e sua relação com o processo de ensino aprendizagem, de maneira a possibilitar uma reflexão sobre nossas práticas educacionais, e verificarmos se estamos desenvolvendo ou reprimindo a criatividade em sala de aula, nos espaços educacionais e socioculturais. Neste esforço conjunto de reflexão está a diferença entre a complexidade. Considerando a relevância que a criatividade possui para o desenvolvimento de uma sociedade, a qual, é capaz de estimular o pensamento crítico-reflexivo, é necessário compreender como estão sendo desenvolvidas as pesquisas sobre criatividade na educação brasileira e quais os aspectos sobre a criatividade estão sendo focados? Nesse esforço conjunto de reflexão está a diferença entre a superficialidade do conhecer e a profundidade do saber. A produção da ciência não se resume ao sonho, mas ela está associada a uma real preocupação com a melhoria da vida das pessoas e ela só pode ser obtida pela criatividade, pela inovação e em todas as áreas do conhecimento. Diante das mudanças do mundo estamos diante de grandes desafios, de novas descobertas, talentos e inovações.

No artigo **A CIDADANIA EM RISCO: UMA REFLEXÃO SOBRE AS REGRAS SOCIAIS NA ATUAL SOCIEDADE DO CONSUMO**, o autor **JOSÉ ORLANDO SCHÄFER** buscar refletir sobre o momento histórico no homem e na formação cultural de cada sociedade e justificá-los a partir das suas origens, isto é, a partir da piedade, da família, da vida, da sociedade, da razão e do desejo/amor. No artigo as **ALTERAÇÕES INTRODUZIDAS NO CÓDIGO PENAL A PARTIR DA LEI 13.104/15: O FEMINICÍDIO NO ROL DOS CRIMES HEDIONDOS** as autoras Laiane Caroline Ortega, Lílian Mara Alves Garcia, Regina Maria de Souza, analisam as alterações realizadas no Código Penal (Lei 2.848 de 7 de dezembro de 1940) em seu artigo 121 e na lei 8.072 de 25 de julho de 1990, a Lei de Crimes Hediondos por meio da criação da Lei 13.104 (Lei do Femicídio) de 09 de março de 2015. No artigo **A TRAJETÓRIA DAS MULHERES NO EXÉRCITO BRASILEIRO: UM CAMINHO PARA A IGUALDADE DE GÊNERO**, o autor Ivan de Freitas Vasconcelos Junior, buscar mostrar a trajetória histórica das mulheres no Exército Brasileiro e elencar as dificuldades enfrentadas para a consolidação da igualdade de gênero dentro da instituição. Realizou-se uma pesquisa bibliográfica em acervos e na internet considerando as contribuições de autores como Almeida (2015), Loiola (2009), Mathias (2005). No artigo **A HISTÓRIA DA AMÉRICA NA FORMAÇÃO ESCOLAR DOS ADOLESCENTES NAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE MORRINHOS**, os autores Léia Adriana da Silva Santiago, Marco Antônio de Carvalho Sangelita Miranda Franco Mariano, Nathiele Cristine Cunha Silva os discorrem sobre as propostas do SEM para o ensino de história e posteriormente, apresentar os dados coletados de um questionário aplicado aos alunos do ensino fundamental, de duas escolas públicas municipais da cidade de Morrinhos, no estado de Goiás, durante o ano de 2014, que intencionou

verificar o conhecimento que estes têm a respeito da História da América Latina e se este conhecimento tem possibilitado a construção de uma consciência da integração regional e da identidade latino-americana. No artigo **ALINGUAGEM E SUBJETIVIDADE DOS TEXTOS MIDIÁTICOS: UMA ANÁLISE SOBRE A CONSTRUÇÃO DO DISCURSO POLITICO NA ATUALIDADE**, a autora Lariane Londero Weber buscou trazer a centralidade da análise de discurso que circula na mídia, para analisar um episódio político que obteve grande repercussão no primeiro semestre de 2017: o primeiro embate direto entre o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o juiz federal Sergio Moro, responsável pela condução da Operação Lava Jato. Como objetivo, pretende-se investigar a orientação discursiva da mídia nacional, que ocupa um lugar central nas relações entre os campos sociais e políticos, em abordar diversos temas através de abordagens enunciativas direcionadas ao contexto político e econômico atual. No artigo **ANÁLISE COMBINATÓRIA NO ENSINO SUPERIOR SOB A PERSPECTIVA DA ANÁLISE DE ERROS**, a autora "LUANA OLIVEIRA DE OLIVEIRA buscou relatar uma experiência desenvolvida com alunos do curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal de Pelotas, matriculados na disciplina de Matemática Discreta A, no período 2016/2. No artigo **Educação para as Relações Étnico –Raciais : Conhecimento e Prática Docente** os autores Alessandro da Silva Gomes, Bruna Corrêa Barradas, Maria da Conceição Pereira Bugarim, buscaram discutir sobre a temática Educação para as Relações Étnico-Raciais afetará de forma positiva a vida dos negros no Brasil, torna-se necessário para o brasileiro conhecer toda a história da origem de sua cultura. No artigo **DIREITO À EDUCAÇÃO: DO LEGAL AO REAL**, as autoras MARIA JOSÉ POLONI, NEIDE CRISTINA DA SILVA buscou no presente trabalho tem como objeto a análise do “texto legal” em relação ao “texto real”. Esse é um estudo de cunho bibliográfico, fundamenta-se nas obras de Freire, Cury e Monteiro. Os resultados demonstram que existe uma lacuna entre o “texto legal” e o “texto real”, ampliando as desigualdades no país. No artigo **FERRAMENTA METODOLOGICA PARA REUTILIZAÇÃO DE RESÍDUOS: RETHINK**, os autores Bárbara Fonseca Pinheiro Leão, Rodolfo Teixeira de Souza, Carlos Alberto Jorge de Oliveira Junior, buscaram propor uma nova ferramenta metodológica para o desenvolvimento de novos produtos, subsidiada pelo sistema de reaproveitamento de resíduos descartados, seja pela indústria ou por usuários domésticos ou também no redesign de produtos existentes. No artigo **ERRO, REPROVAÇÃO E FRACASSO ESCOLAR: SIGNIFICAÇÕES DE ALUNOS DO 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II COM HISTÓRICO DE REPROVAÇÃO**, os autores, Wanderlaine Beatriz Rodrigues de Moraes e Silva, Francismara Neves de Oliveira, Guilherme Aparecido de Godoi, Leandro Augusto dos Reis, Luciane Batistella Guimarães Bianchini buscaram analisar as significações de alunos do ensino fundamental ii de escola estadual do município de Londrina-pr. participaram 5 alunos que cursaram o 8º ano em 2016, com histórico de reprovação, expressando sua percepção da trajetória escolar, erro e fracasso escolar. No artigo **O ATO DE LER: UMA AÇÃO DOCENTE PARA O DESENVOLVIMENTO DA**

MEMÓRIA A PARTIR DE OBRAS LITERÁRIAS, as autoras Mariana Tomazi e Sandra Aparecida Pires Franco buscaram promover a leitura dos professores e os educandos, possibilitando uma outra maneira de ver as obras literárias, tendo como análise as funções psíquicas superiores, em específico a memória. No artigo **LEI 10.639/03: CONSCIENTIZAÇÃO E ALIENAÇÃO NA EJA DA CIDADE TIRADENTES – SP**, as autoras NEIDE CRISTINA DA SILVA, MARIA JOSE POLONI investigou e analisou se e como os estudantes autodenominados negros, na Educação de Jovens e Adultos, foram impactados pelo estudo de História e da Cultura Afro-brasileira. A problemática que estimulou esta pesquisa foi a visão negativa que esses estudantes, formam de si e dos seus pares, em decorrência da desvalorização da sua origem e cultura. No artigo **O LÉXICO NO CIBERESPAÇO: ANÁLISE DE NEOLOGISMOS NO FACEBOOK**, os autores Rosemeire de Souza Pinheiro Taveira Silva, Gyovanna Gomes Silva Germano e Bruno Silva de Oliveira buscam analisar dos neologismos presentes em publicações dos usuários da rede social Facebook. A coleta das palavras foi feita através da análise diária das publicações, nas quais se procurava verificar o entendimento de todos os indivíduos que interagem entre si utilizando palavras não-dicionarizadas. No artigo **O PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS CAPOEIRISTAS NO MUNICÍPIO DE DRACENA**, os autores Deyvid Leite Lobo, Kaliane, Espanavelli Lobo e Bruno Pinto Soares buscam mostrar às condições socioeconômicas dos praticantes de capoeira, o que permitiu determinar o perfil global destes indivíduos e relacionar sua participação no processo de evolução da Capoeira, que por sua vez encontra-se no processo de inserção na dinâmica capitalista. A principal hipótese desta pesquisa, é que por não ser uma região tradicionalmente reconhecida pela prática da capoeira, teve condições diferentes das encontradas nos redutos tradicionais. No artigo **TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA DE SOCIOLOGIA: UMA EXPERIÊNCIA COM OS ALUNOS DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**, os autores Marcus Vinícius Spolle e Analisa Zorzi buscam apresentar a metodologia e os resultados do projeto de ensino ligado ao Curso de Ciências Sociais da UFPel denominado **Transposição Didática**. Para tanto, situamos o debate sobre os conteúdos próprios da Sociologia no Ensino Médio. No artigo **O INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO NO CONTEXTO DE PRODUÇÃO DOS AMBIENTES INSTITUCIONAIS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DAS SÉRIES INICIAIS: UMA ABORDAGEM HISTÓRICA**, os autores a Lucilene Schunck C. Pisaneschi busca estudar dentro das pesquisas relativas à organização do campo educacional brasileiro, a temática acerca da formação docente, tem assumido um papel de destaque, possivelmente, pelo fato da relação direta que se estabelece entre a qualidade da educação básica e a formação dos educadores que nela atuam. No artigo **ÉTICA, PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DE TOTEM E TABU E O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO**, os autores Emanuele Tamiozzo Schmidt, Mariane Henz e Vânia Lisa Fischer Cossetin através de pesquisa institucional sobre em que medida as intuições freudianas podem contribuir para pensar a dimensão da ética e da moralidade nos processos formativos/

educacionais na contemporaneidade. No artigo **ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA ACERCA DA PRODUÇÃO CRIATIVA HUMANA NA REDE FACEBOOK SOBRE O DIA INTERNACIONAL DA MENINA**, os autores, Solange Aparecida de Souza Monteiro, Heitor Messias Reimão de Melo e Paulo Rennes Marçal Ribeiro, os autores buscam apresentar uma análise discursiva sobre a circulação acerca do Dia Internacional da Menina. O Dia Internacional da Menina, que é comemorado no dia 11 de outubro, espalhou-se na rede social Facebook por meio de uma imagem comemorativa que retratava essa data. **No artigo IMPLANTAÇÃO DA HORTICULTURA ESCOLAR COMO ALTERNATIVA DIDÁTICA PARA ALUNOS DE ENSINO FUNDAMENTAL**: os autores: Danielly Pereira dos Santos, Ana Cristina Gomes Figueiredo, Fernando José de Sousa Borges, Cassio dos Santos Barroso, João Carlos Santos de Andrade, Karla Agda Botelho Mota, Norton Balby Pereira de Araújo, Adalberto Cunha Bandeira e Samuel de Deus da Silva abordam sobre a importância da horticultura escolar uma ação que envolve professores e estudante. A pesquisa é do tipo descritiva exploratória, com delineamento de campo e bibliográfico, o objeto da pesquisa foi a Escola Estadual Girassol Tempo Integral Denise Gomide Amui. Foi aplicado um questionário a 30 alunos devidamente elaborado. Utilizou-se o método analítico para o levantamento de dados, já a coleta de informação foram *in loco*.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| CAPÍTULO 1 | 1 |
| A CIDADANIA EM RISCO: UMA REFLEXÃO SOBRE AS REGRAS SOCIAIS NA ATUAL SOCIEDADE DO CONSUMO | |
| <i>José Orlando Schäfer</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.0811929031 | |
| CAPÍTULO 2 | 16 |
| ALTERAÇÕES INTRODUZIDAS NO CÓDIGO PENAL A PARTIR DA LEI 13.104/15: O FEMINICÍDIO NO ROL DOS CRIMES HEDIONDOS | |
| <i>Laiane Caroline Ortega</i> | |
| <i>Lílian Mara Alves Garcia</i> | |
| <i>Regina Maria de Souza</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.0811929032 | |
| CAPÍTULO 3 | 23 |
| A TRAJETÓRIA DAS MULHERES NO EXÉRCITO BRASILEIRO: UM CAMINHO PARA A IGUALDADE DE GÊNERO | |
| <i>Ivan de Freitas Vasconcelos Junior</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.0811929033 | |
| CAPÍTULO 4 | 32 |
| A HISTÓRIA DA AMÉRICA NA FORMAÇÃO ESCOLAR DOS ADOLESCENTES NAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE MORRINHOS | |
| <i>Léia Adriana da Silva Santiago</i> | |
| <i>Marco Antônio de Carvalho</i> | |
| <i>Sangelita Miranda Franco Mariano</i> | |
| <i>Nathiele Cristine Cunha Silva</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.0811929034 | |
| CAPÍTULO 5 | 50 |
| A LINGUAGEM E SUBJETIVIDADE DOS TEXTOS MIDIÁTICOS: UMA ANÁLISE SOBRE A CONSTRUÇÃO DO DISCURSO POLITICO NA ATUALIDADE | |
| <i>Lariane Londero Weber</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.0811929035 | |
| CAPÍTULO 6 | 60 |
| ANÁLISE COMBINATÓRIA NO ENSINO SUPERIOR SOB A PERSPECTIVA DA ANÁLISE DE ERROS | |
| <i>Luana Oliveira de Oliveira</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.0811929036 | |
| CAPÍTULO 7 | 67 |
| EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS CONHECIMENTO E PRÁTICA DOCENTE | |
| <i>Alessandro da Silva Gomes</i> | |
| <i>Bruna Corrêa Barradas</i> | |
| <i>Maria da Conceição Pereira Bugarim</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.0811929037 | |

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 8 | 83 |
| DIREITO À EDUCAÇÃO: DO LEGAL AO REAL | |
| <i>Maria José Poloni</i> | |
| <i>Neide Cristina da Silva</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.0811929038 | |
| CAPÍTULO 9 | 96 |
| FERRAMENTA METODOLOGICA PARA REUTILIZAÇÃO DE RESÍDUOS: <i>RETHINK</i> | |
| <i>Bárbara Fonseca Pinheiro Leão</i> | |
| <i>Rodolfo Teixeira de Souza</i> | |
| <i>Carlos Alberto Jorge de Oliveira Junior</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.0811929039 | |
| CAPÍTULO 10 | 108 |
| ERRO, REPROVAÇÃO E FRACASSO ESCOLAR: SIGNIFICAÇÕES DE ALUNOS DO 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II COM HISTÓRICO DE REPROVAÇÃO | |
| <i>Wanderlaine Beatriz Rodrigues de Moraes e Silva</i> | |
| <i>Francismara Neves de Oliveira</i> | |
| <i>Guilherme Aparecido de Godoi</i> | |
| <i>Leandro Augusto dos Reis</i> | |
| <i>Luciane Batistella Guimarães Bianchini</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.08119290310 | |
| CAPÍTULO 11 | 124 |
| O ATO DE LER: UMA AÇÃO DOCENTE PARA O DESENVOLVIMENTO DA MEMÓRIA A PARTIR DE OBRAS LITERÁRIAS | |
| <i>Mariana Tomazi</i> | |
| <i>Sandra Aparecida Pires Franco</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.08119290311 | |
| CAPÍTULO 12 | 130 |
| LEI 10.639/03: CONSCIENTIZAÇÃO E ALIENAÇÃO NA EJADA DA CIDADE TIRADENTES – SP | |
| <i>Neide Cristina da Silva</i> | |
| <i>Maria Jose Poloni</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.08119290312 | |
| CAPÍTULO 13 | 143 |
| O LÉXICO NO CIBERESPAÇO: ANÁLISE DE NEOLOGISMOS NO <i>FACEBOOK</i> | |
| <i>Rosemeire de Souza Pinheiro Taveira Silva</i> | |
| <i>Gyovanna Gomes Silva Germano</i> | |
| <i>Bruno Silva de Oliveira</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.08119290313 | |
| CAPÍTULO 14 | 159 |
| O PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS CAPOEIRISTAS NO MUNICÍPIO DE DRACENA | |
| <i>Deyvid Leite Lobo</i> | |
| <i>Kaliane Espanavelli Lobo</i> | |
| <i>Bruno Pinto Soares</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.08119290314 | |

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 15 | 170 |
| TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA DE SOCIOLOGIA: UMA EXPERIÊNCIA COM OS ALUNOS DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS | |
| <i>Marcus Vinícius Spolle</i> | |
| <i>Analisa Zorzi</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.08119290315 | |
| CAPÍTULO 16 | 181 |
| O INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO NO CONTEXTO DE PRODUÇÃO DOS AMBIENTES INSTITUCIONAIS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DAS SÉRIES INICIAIS: UMA ABORDAGEM HISTÓRICA | |
| <i>Lucilene Schunck C. Pisaneschi</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.08119290316 | |
| CAPÍTULO 17 | 194 |
| ÉTICA, PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DE TOTEM E TABU E O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO | |
| <i>Emanuele Tamiozzo Schmidt</i> | |
| <i>Mariane Henz</i> | |
| <i>Vânia Lisa Fischer Cossetin</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.08119290317 | |
| CAPÍTULO 18 | 207 |
| ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA ACERCA DA PRODUÇÃO CRIATIVA HUMANA NA REDE FACEBOOK SOBRE O DIA INTERNACIONAL DA MENINA | |
| <i>Solange Aparecida de Souza Monteiro</i> | |
| <i>Heitor Messias Reimão de Melo</i> | |
| <i>Paulo Rennes Marçal Ribeiro</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.08119290318 | |
| CAPÍTULO 19 | 218 |
| IMPLANTAÇÃO DA HORTICULTURA ESCOLAR COMO ALTERNATIVA DIDÁTICA PARA ALUNOS DE ENSINO FUNDAMENTAL | |
| <i>Danielly Pereira dos Santos</i> | |
| <i>Ana Cristina Gomes Figueiredo</i> | |
| <i>Fernando José de Sousa Borges</i> | |
| <i>Cassio dos Santos Barroso</i> | |
| <i>João Carlos Santos de Andrade</i> | |
| <i>Karla Agda Botelho Mota</i> | |
| <i>Norton Balby Pereira de Araújo</i> | |
| <i>Adalberto Cunha Bandeira</i> | |
| <i>Samuel de Deus da Silva</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.08119290319 | |
| SOBRE A ORGANIZADORA | 225 |

ERRO, REPROVAÇÃO E FRACASSO ESCOLAR: SIGNIFICAÇÕES DE ALUNOS DO 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II COM HISTÓRICO DE REPROVAÇÃO

Wanderlaine Beatriz Rodrigues de Moraes e Silva

Universidade Estadual de Londrina
Londrina – Paraná

Francismara Neves de Oliveira

Universidade Estadual de Londrina
Londrina – Paraná

Guilherme Aparecido de Godoi

Universidade Estadual de Londrina
Londrina – Paraná

Leandro Augusto dos Reis

Universidade Estadual de Londrina
Londrina – Paraná

Luciane Batistella Guimarães Bianchini

Universidade Norte do Paraná
Londrina – Paraná

RESUMO: A pesquisa objetivou analisar as significações de alunos do Ensino Fundamental II de escola estadual do Município de Londrina-PR. Participaram 5 alunos que cursaram o 8º ano em 2016, com histórico de reprovação, expressando sua percepção da trajetória escolar, erro e fracasso escolar. Adotou-se a abordagem qualitativa, na modalidade de estudo descritivo e a coleta dos dados ocorreu por meio de entrevista e desenhos. Utilizou-se gravador de voz e roteiro semiestruturado para entrevista, além de sulfite e lápis para a produção dos desenhos. Os resultados apontaram 3 eixos

representativos das significações produzidas pelos participantes: 1. Significado de Escola: predominou superficialidade na compreensão do direito à expressão e ausência da percepção da escola como libertadora das condições de sujeição, exclusão social e segregação e como espaço onde podem sanar dificuldades e superar erros. 2. Significados atribuídos à reprovação: a maioria não consegue realizar tarefas e atividades e se veem desencorajados. Evidenciam sentimentos como tristeza, vergonha, desânimo e baixa autoestima com a reprovação. 3. Significados atribuídos ao sucesso e fracasso escolar: apesar de compreenderem o erro como parte do processo de aprendizagem, revelam que os alunos repetentes são excluídos no interior da escola, rotulados e acabam por naturalizar a reprovação e se conformar com a posição que ocupam no contexto. Os resultados indicam a importância de considerar os sentidos atribuídos pelos protagonistas da aprendizagem - alunos - que vivenciam situação de insucesso escolar e de reprovação na proposição de políticas públicas educacionais e ações pedagógicas interventivas na escola.

PALAVRAS-CHAVE: Fracasso escolar; Reprovação; Erro, Teoria de Jean Piaget.

ABSTRACT: The research aimed to analyze the meanings of the Elementary School at Londrina-

PR. Five students from 8th grade that flunked out, participated on the research, they expressed your perception regarding journey, mistakes and failure at school. The research was carried out by qualitative approach, on the descriptive study model, and the data collection was performed by interview and draws. A voice recorder and semi structured script was used in the interview, beyond paper and pencil for draws. The results showed 3 meanings produced by the participants: 1. Meaning of School: superficiality in the understanding of the right of expression and absence of the perception of the school against subjection, social exclusion and segregation and as a space where they can cure difficulties and overcome errors. 2. The meaning attributed to the failed: most of them are not able to do homework and tasks and saw themselves discouraged. 3. The meaning attributed to the success and failed at school: even they are able to recognize the failure as part of the learning process, they revealed that students that flunked out, are excluded from the whole group inside of the school, tagged, and in the end, they recognize the failure as natural and accepts the position established into the context. The study shows importance to consider the meaning attributed by protagonist of the learning process – students – that experienced the failure condition at school, the proposal of the public educational polices, and interventional pedagogic actions at school.

KEYWORDS: Failure at school. Flunk out. Mistake. Jean Piaget Theory.

1 | INTRODUÇÃO

A literatura da área da Educação e da Psicologia da Educação, que discute a aprendizagem escolar, ressalta que a aprendizagem é um fenômeno complexo e, portanto, refletir acerca do fracasso desse processo é igualmente amplo, pois são vários os fatores que constituem o aprender. Nesse processo estão inseridas várias formas de olhar para a questão, atribuindo causas ora à escola, ora ao sistema, à família do aluno, ao próprio aluno, professor etc. (PATTO, 1999). Uma das justificativas recorrentemente apresentadas pela escola para explicar o fracasso escolar “é atribuir ao aluno o seu próprio fracasso nas aprendizagens e às condições exteriores à escola, as desigualdades e perversidades sociais” (CARVALHO, 1997, p. 21).

O fracasso escolar não é um fenômeno contido pelos muros da escola, pois como nos lembra Bourdieu e Passeron (2013) a escola é tanto produtora quanto reprodutora da ordem social vigente e reproduz em seu interior as formas perversas por meio das quais mantém a exclusão dos incluídos. (LAHIRE, 2003). Nesse modelo de exclusão e de classificação de alunos competentes para aprender e os que não têm condições de aprender, encontra-se a questão do erro. Segundo La Taille (1997, p. 31), “os erros dos alunos podem dar pistas importantes sobre suas reais capacidades de assimilação”. Os erros evidenciados são necessários, pois permitem compreender o nível de desenvolvimento do sujeito. Deste modo, é melhor a presença dos erros do que a ausência deles no processo de aprendizagem.

O erro visto pelo professor como elemento indicativo de onde, como e quando intervir no processo de uma aprendizagem, potencializa a busca pela resolução de conflitos cognitivos e oferece espaço significativo para a evolução da inteligência. Para La Taille (1997), deve-se enfatizar a fala das crianças, pois quando não o faz e se despreza o erro delas, “o adulto rebaixa a auto-estima das crianças, levando-as a abandonar seus esforços espontâneos de reflexão” (LA TAILLE, 1997, p. 31). Além de ser visto pelo professor como construtivo, o aluno também precisa reconhecer o erro como parte de um processo de crescimento, portanto como algo positivo, não acabado em si mesmo, mas sim como parte do caminho da aprendizagem. Para La Taille (1997, p. 31) “nem sempre é fácil avaliar um erro”, visto que há várias formas de errar. Nesse sentido, o professor deve levar o aluno a considerar o erro para sua reflexão e perceber se isso tem ajudado a chegar ao objetivo proposto.

Carvalho (1997) evidencia que nós incorporamos a ideia de que erro e fracasso são pares inseparáveis ou companheiros necessários, conceitos sempre vinculados. Esse conhecimento social acerca dos pares por oposição tem impedido que outros pares sejam constituídos tais como: erro e conhecimento ou erro e esperança. Para o autor, “a constatação de um erro não nos indica, de imediato, que não houve aprendizagem, tampouco nos sugere inequivocamente fracasso, seja da aprendizagem, seja do ensino” (CARVALHO, 1997, p. 12).

Essa discussão acerca do erro como parte do processo de construção do conhecimento foi amplamente abordada na tese de Piaget acerca da evolução da inteligência. O erro é compreendido como importante alavanca para novas construções e tomada de consciência (LA TAILLE, 1997). De acordo com Carvalho (1997), o erro é apenas um dado que permite ver o fracasso não como a consequência do erro, mas como a interpretação dele. Ver o fracasso como consequência do erro é torná-lo o fim, ao passo que ver o fracasso como interpretação do erro, permite reconfigurar estratégias de ação em andamento, pois o processo ainda não foi finalizado. Para o autor, além dos múltiplos fatores que supervalorizam o fracasso, “temos feito diagnósticos pretensamente precisos e taxativos” (CARVALHO, 1997, p. 12), sempre ligando o erro ao fracasso como se fosse parte do percurso, sem outras opções.

La Taille (1997) ressalta que por meio dos conceitos de inteligência de Piaget (assimilação, equilíbrio e regulação), pode-se levar a criança a ter consciência do seu erro e não somente reconhecer que errou, mas “ter acesso à qualidade do seu erro” (LA TAILLE, 1997, p. 36). Desse modo o autor apresenta a visão acerca do erro na perspectiva construtivista dizendo que ele deixa de ser considerado “vilão absoluto, podendo tornar-se valioso aliado da pedagogia” (LA TAILLE, 1997, p. 36). Para Sanmarti (2009), o que precisa ser mudado em relação ao erro é a forma com que ele é visto no interior da escola, ocasionando a relação de temor. O autor evidencia que se faz necessário o aluno aprender a se regular, mudando a concepção do erro para algo normal dentro de suas possibilidades, “quando se percebe sua vertente positiva na aprendizagem, converte-se em algo criativo em vez de destrutivo” (SANMARTI,

2009, p. 44).

Assim sendo, o presente estudo objetivou analisar as significações de alunos com histórico de reprovação do Ensino Fundamental II de uma escola estadual paranaense, sobre como percebem a própria trajetória escolar, as situações de erro e de fracasso na escola.

2 | ASPECTOS METODOLÓGICOS

O estudo enquadra-se na perspectiva qualitativa, na modalidade de estudo descritivo. O método clínico-crítico piagetiano embasou a coleta dos dados, que teve como instrumentos entrevista clínica semiestruturada e produção de desenhos. Piaget (1979, p. 10) explica que o método clínico “coloca problemas, realiza hipóteses, faz variar as condições em jogo, e enfim controla cada uma de suas hipóteses no contato com reações provocadas pela conversa”.

Participaram 5 alunos de uma turma do 8º ano do Ensino Fundamental II, de uma escola estadual paranaense, os quais foram nomeados por A1, A2, A3, A4 e A5. Os critérios de inclusão foram: alunos que tenham estudado em escola pública e com histórico de reprovação.

No primeiro momento ocorreu a entrevista clínica semiestruturada, realizada individualmente com base num roteiro composto por algumas questões desencadeadoras, por exemplo: *O que você sente quando erra? O que caracteriza um bom/mal aluno? Quando você percebe que errou? Você vê alguma relação entre o erro e aprendizagem?* Com a entrevista buscou-se estabelecer um diálogo acerca dos significados atribuídos pelos participantes à escola, à trajetória de escolarização, reprovação e erro.

No segundo momento, procedeu-se à elaboração dos desenhos. Atendendo ao indicado pela Pedagoga, a organização desta etapa foi de produção coletiva, na biblioteca da escola. Os participantes foram orientados a construir desenhos sobre os seguintes temas: *Qual significado da escola para você; Como você se sente na escola; Como você se sentiu ao reprovar; e Qual sua ideia sobre o sucesso e fracasso escolar.*

Por se tratar de um estudo de abordagem qualitativa, ao reunir os dados e interpretá-los, almejou-se encontrar a princípio, semelhanças e diferenças nas respostas dos participantes, buscando as repetições no modo de interpretar a realidade e as respostas diferenciadas, o que permitiu olhar para o conjunto de dados para que deles emergissem eixos de análise. Três eixos de análise se evidenciaram: 1. Significado de Escola; 2. Significados atribuídos à reprovação e 3. Significados atribuídos ao sucesso e fracasso escolar. Os procedimentos éticos de pesquisa envolvendo seres humanos foram seguidos.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÕES

A seleção dos participantes foi mediada pela Pedagoga da instituição co-participante, que informou que na referida escola há uma sala específica para alunos repetentes e que seriam escolhidos dessa turma os participantes do estudo. Esse dado é relevante, porque evidencia um processo de segregação dentro da escola. O aluno que reprovou em uma série, caso não mude de escola, “nunca mais” estudará com colegas que não tem histórico de reprovação. Passa a compor o grupo dos repetentes na escola, em sala separada, limitando a interação entre eles e os demais alunos da escola, isto é, os não repetentes. Posto isto que se refere ao contexto onde os dados forma coletados, e, a partir dos sentidos que emergiram dos desenhos e respostas dos participantes, foi possível estabelecer três unidades de análise, discutidas a seguir.

3.1 Eixo 1 – Significado de Escola para os alunos do 8º ano

Os dados nesta unidade de análise indicaram que a escola é considerada boa por todos participantes do estudo. Os adjetivos empregados por eles nas falas foram: boa, legal e normal. Entretanto, chama atenção a contradição percebida entre as respostas dos sujeitos na entrevista e os desenhos construídos. Três participantes desenharam a escola como sinônimo de prisão, batalhão policial e diretoria em destaque, como podem ser observados nas representações a seguir.

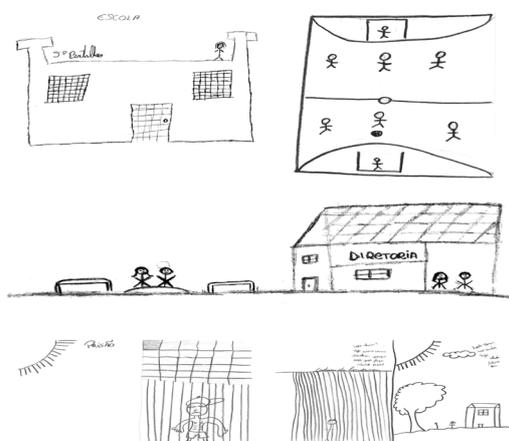


Figura 1 - Representação da escola na percepção dos alunos

Fonte: Dados da pesquisa.

Essa contradição evidencia a superficialidade de compreensão dos alunos sobre seu direito à expressão. Conseguem expressar no desenho seu descontentamento com a privação de liberdade que a escola impõe e na fala a descrevem como boa. Os papéis sociais na escola parecem polarizados. A escola não é vista por esses alunos como libertadora das condições de sujeição, exclusão social e segregação, como espaço onde podem sanar suas dificuldades ao ponto de superar seus erros. Pelo contrário, parecem olhar a escola como um lugar que os aprisiona, que impede

seu acesso e, portanto, é tida como negativa. Além dessa constatação os alunos demonstram um sentimento de desvalorização em relação à própria aprendizagem, demonstrando uma conformidade em relação ao não aprender, como se estivessem fadados ao fracasso. Quando os alunos referenciam a escola como uma prisão ou um batalhão policial, estão expressando em suas falas que nesse local não se pode ter voz e nem autonomia.

Os dados apontam a escola como um lugar de regeneração, no qual serão castigados caso não aprendam. Observa-se então que precisa ser mudada essa visão dos alunos em relação à escola, mas partindo de uma mudança no interior da própria escola. Para La Taille (1997, p. 42) “somente há atividade se houver motivação”, o autor declara a necessidade de os alunos serem motivados para a superação dos erros, ou seja, o erro nessa perspectiva deve ser valorizado, para que se conquiste o objetivo final, sendo esse processo realizado na escola pelos professores, pedagogos e todos os envolvidos nela. Para o autor “estamos em pleno campo da afetividade, pois é ela que “move” os indivíduos” (LA TAILLE, 1997, p. 42).

Para os alunos participantes da pesquisa, a diretoria da escola ocupa um lugar de destaque, ressaltando a escola como detentora do conhecimento e poder, onde quem entra ou passa por ela deve obedecer às regras impostas e determinadas, sofrendo consequências pelo não cumprimento. Entretanto, nesse mesmo contexto é possível perceber que a permanência desses alunos na escola e o fato de projetarem sua superação estando nela inseridos, passa por essa condição disciplinar da escola. Trata-se de um grupo de alunos com histórico de reprovação e de dificuldades de acompanhamento escolar. A disciplina, a autoridade do diretor, do corpo docente pode ser canalizada para produzir efeitos de organização pessoal e planejamento, o que pode se reverter em estratégias mais adequadas ao aprender.

A pesquisadora solicitou que os alunos desenhassem como eles se sentiam na escola e embora estivessem separados fisicamente para que não fossem influenciado um pelo outro, os 5 alunos retrataram a escola como uma prisão e sentindo-se como pássaros em gaiolas ou detentos em celas. Enquanto eles desenhavam, a pesquisadora notou que em dois desses desenhos apresentavam a fala “*pode subir*” e “*sobe agora*”, nesse momento a pesquisadora perguntou o que significava aquela expressão. Os alunos foram enfáticos relatando que ao serem mandados para a diretoria, sempre ouvem da Pedagoga essas frases, pois a sala da diretoria fica no piso superior da escola. Seria importante considerar em um processo de intervenção nessa realidade, os sentidos atribuídos pelos alunos ao “piso superior”, à relação de poder e ao acesso que deixam de ter à diretoria, como espaço para conciliação de interesses entre alunos e professores. É possível observar as representações a seguir:

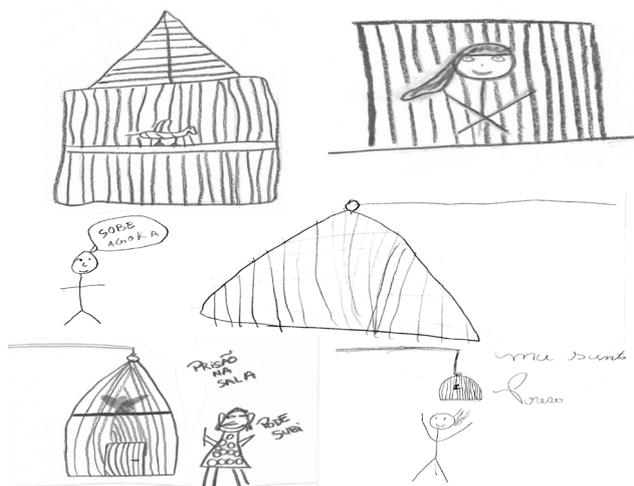


Figura 2 - Sentimentos dos alunos em relação à escola

Fonte: Dados da pesquisa.

As representações anunciam que o modo como os alunos desenham a escola reflete como se sentem nela. Pôde-se verificar que os alunos, no caso do estudo realizado, assumem uma postura de réus e não de aprendizes, os sentimentos que poderiam indicar a busca pelo pertencimento, vinculação, se deflagram em sensação de abandono ou perda da liberdade. Diante das representações e das entrevistas, foi possível refletir acerca do quão importante é para esses alunos a superação da concepção de fracasso escolar e de erro, para que compreendam que todos podem aprender, e conseqüentemente encontrem “seu lugar” na escola.

Nesse sentido, para que haja uma mudança significativa no cenário escolar atual, se faz necessário o comprometimento da escola com o processo educativo, que intencionalmente exerça a escuta das distintas vozes dos sujeitos da aprendizagem e ao ouvi-los, busque identificar os sentidos atribuídos ao aprender, a escola e a própria vivência nesse espaço, com vistas a aprimorar as práticas nela desenvolvidas. Há estreita relação entre o modo como os alunos percebem a escola e como se percebem enquanto alunos, como protagonistas do processo de aprendizagem. Essa significação dos alunos será tratada no eixo a seguir.

3.2 Eixo 2 – Significados atribuídos pelos alunos sobre reprovação

Nesta unidade de análise estão reunidos os significados em relação à reprovação escolar e suas conseqüências. Vale lembrar que todos os alunos participantes possuem histórico de reprovação no ensino fundamental II, em alguma série, mas não conseguem atribuir a que se deu a reprovação. Demonstraram dúvidas em suas respostas quando perguntamos qual o motivo real da reprovação.

A1 – Sim, reprovei duas vezes. Em que matérias? Em matemática e geografia. Por quê? Bom eu acho que foi porque eu não entendia o que a professora explicava, e tinha vergonha de perguntar toda hora, porque daí ela fica até brava.

A2 – Já duas vezes, no sétimo ano e oitavo ano. **Em que matérias?** Não lembro muito bem em que matérias, acho que foi em matemática e geografia, mas não tenho certeza.

A3 – Sim, uma vez em história e inglês no quinto ano. **Por quê?** Ah eu acho que reprovei por causa que eu não entendia muito das matérias e as professoras nem ligava.

A4 – Eu já reprovei duas vezes é... uma foi no sexto e uma no sétimo ano. **Em que matérias?** Em Ciências e matemática. **Por quê?** Porque a professora de matemática falava que eu era muito bagunceira. **Mas você era?** ... nem tanto, gostava de conversar um pouco, daí não conseguia fazer os exercícios, as tarefas.

A5 – Eu já... já reprovei duas vezes, no oitavo ano. **Em que matérias?** Agora em que matérias eu não sei, porque parei de estudar nas duas vezes. **Porque você parou de estudar?** É... eu não me dava muito bem com meu padrasto daí fui embora morar com minha tia e a outra porque tava indo mal nas matérias e não quis ir mais, porque os professores falavam que eu não tinha mais chance de recuperar a nota.

Pelas respostas apresentadas pelos participantes, a maioria dos alunos não consegue realizar as tarefas e atividades e se veem desencorajados para continuar tentando. O participante A1 evidencia o constrangimento de expor suas dúvidas como barreira para aprender, pois se sente inseguro de perguntar o que não entendeu para a professora. Nessa situação cabe ao professor investigar “por que” o aluno não está aprendendo, orientá-lo, promover a aprendizagem do aluno, proporcionar atividades que tenham significado e que produzam novas experiências relacionadas às dificuldades apresentadas. Desse modo o aluno tomará consciência de seus erros e será motivado a melhorar seu rendimento. Os professores e a escola devem se preocupar com o processo formativo do aluno e não apenas focar na dificuldade que o aluno apresenta naquele momento. Como salienta Caseiro e Gebran (2008, p. 143) “o aluno percebe onde está, toma consciência das dificuldades que encontra e pode tornar-se capaz de reconhecer e corrigir seus próprios erros”.

Outro elemento evidenciado durante as entrevistas foi a reação dos alunos no que concerne à reprovação e também à reação dos pais e amigos. Os participantes da pesquisa evidenciam sentimentos como tristeza, vergonha, desânimo e baixa autoestima com a reprovação. Perguntamos aos alunos como eles se sentiram quando souberam que haviam reprovado, e qual foi a reação dos familiares e amigos. As reações descritas pelos alunos participantes foram: a mãe do aluno A2 ficou triste, enquanto os pais do A3 optaram por castigar retirando o celular por um período, já os pais do A4 ficaram “bravos”, mas não tomaram nenhuma posição quanto ao ocorrido, e por fim, o pai do A5 não teve reação e a mãe pediu para o aluno estudar mais.

Diante desse quadro, podemos concordar com Torres (2004) quando ele ressalta que os pais geralmente assumem uma postura negativa em relação à capacidade de aprendizagem dos filhos, demonstrando expectativas muito baixas em relação ao

futuro. Assim, a família precisa estar atenta a cada momento de seu filho na escola, acompanhar mais de perto suas aprendizagens e suas dificuldades, suas experiências fora de casa, mantendo uma relação mais presente na escola. A família pode colaborar de modo significativo no processo de aprendizagem do aluno.

Outro aspecto relevante que destacamos acerca dos sentidos atribuídos pelos alunos à reprovação, diz respeito ao entendimento dos participantes quanto a ser um bom aluno quando já possui histórico de reprovação.

*A1 – Eu me acho mais ou menos, porque eu faço bastante bagunça, mas estou tentando melhorar. **Um aluno que já reprovou, pode ser considerado bom aluno? Por quê?** Eu acredito que sim, um aluno que reprovou pode sim ser considerado um bom aluno, só ele começar fazer as coisas na sala, respeitar os professores é isso.*

*A2 – Pra mim sim eu me acho sim um bom aluno, eu faço quase tudo. **Um aluno que já reprovou, pode ser considerado bom aluno? Por quê?** Pode sim, ele se esforça bastante daí ele reprovou somente em uma matéria aí pode melhorar.*

*A3 – No meu ponto de vista mais ou menos, porque eu bagunço um pouco não acho certo, mas não consigo parar de fazer bagunça. **Um aluno que já reprovou, pode ser considerado bom aluno? Por quê?** Vai da cabeça dele se ele reprovou uma vez e melhorar, sim ele pode ser um bom aluno.*

*A4 – Não me considero uma boa aluna porque não presto atenção na aula e tiro nota baixa. **Um aluno que já reprovou, pode ser considerado bom aluno? Por quê?** Um aluno que reprovou não pode ser considerado um bom aluno porque já perdeu um ano.*

*A5 – Não sou boa aluna, eu sou grossa quando um professor é grosso comigo e tiro nota baixa nas provas. **Um aluno que já reprovou, pode ser considerado bom aluno? Por quê?** Acho que pode sim ser um bom aluno, eu vejo por mim, mesmo reprovando eu quero estudar.*

Somente A2 se considera um bom aluno, os demais se consideram medianos ou afirmam “*não ser bom aluno*”. Quando perguntamos se eles acreditavam que um aluno que já reprovou pode ser considerado um bom aluno, os participantes A1, A2, A3 e A5 responderam que sim. Já para A4 isso não é possível, o participante explica que “*um aluno que reprovou não pode ser considerado um bom aluno porque já perdeu um ano*”. Podemos então entender que eles continuam na escola por acreditar que podem se superar, mas é evidente em seus depoimentos que para isso acontecer eles precisam mudar seu comportamento, prestar atenção na aula e terem o apoio do professor. Desse modo a relação do professor-aluno deve ser de cooperação. La Taille (1997) evidencia que isso deve ocorrer para o sucesso da aprendizagem do aluno. Os participantes foram solicitados a desenhar algo que representasse o sentimento que tiveram quando reprovaram um ano escolar. A Figura 3 reúne esses desenhos.



Figura 3 - Significados quanto à reprovação

Fonte: Dados da pesquisa.

Os desenhos anunciam que os alunos estão desmotivados, rotulados e atribuem sentido negativo a si mesmos em razão da reprovação. A repetência como forma de castigo está impregnada nas significações dos alunos que não percebem a crueldade a que estão sujeitos no interior da escola. Quando eles desenharam “burros”, como forma de representação de si mesmos, demonstram que estão condenados, que não percebem futuro para si. Tanto as razões para a reprovação quanto as condições de superação não estão acessíveis a eles. Não se apropriaram do próprio processo de aprendizagem. Não desenvolveram autonomia e não há implicação, engajamento do aluno na própria aprendizagem se ele não se sentir autor desse processo. Gualtieri e Lugli (2012, p. 48) salientam que alunos como os descritos “deveriam ser reconhecidos pela escola e o sistema como um sinal da necessidade de flexibilizar um modelo de organização escolar que não consegue enquadrar a todos”.

Nesse sentido, é preciso que os envolvidos na escola modifiquem o olhar para o não aprender e tudo o que se dá a partir dele, pois há muitas falhas no sistema de ensino que refletem diretamente nos alunos que apresentam alguma dificuldade de aprendizagem, rotulando, desprezando, eliminando os alunos, e estes não possuem forças para se defender e conseguir se manter na escola de forma digna e produtiva. Portanto, as reflexões sobre o fracasso escolar devem envolver não apenas professores, pedagogos e diretores, mas ser ampliada aos alunos, familiares e também à sociedade, para que a transformação seja genuína.

3.3 Eixo 3 – Significados atribuídos pelos alunos acerca do sucesso e Fracasso escolar

Nesta unidade de análise são apresentados os significados atribuídos ao sucesso e fracasso escolar. Levantando-se a questão sobre o que sentem quando erram, buscou-se compreender os efeitos da constatação do erro pelo aluno. Por

meio dos relatos foi possível depreender que quatro dos cinco entrevistados não se importam muito quando erram, acreditam na possibilidade de que se não aprendeu ali, aprenderão em outro momento, como se verifica nos seguintes excertos: A1 – *Não acontece nada (risos), quando eu erro eu me sinto normal, sempre refaço a atividade pra aprender*; A3 – *Eu me sinto normal, peço a explicação do professor e faço de novo, daí eu acerto*; A4 – *Eu fico normal e penso que depois eu aprendo, não ligo muito não*; A5 – *Eu me sinto normal, eu fico refletindo e tento fazer melhor na próxima vez*.

Os relatos dos alunos A1, A3, A4 e A5 apresentam certa naturalidade em aprender em uma segunda oportunidade. O aluno A1 demonstra segurança, pois sabe que pode aprender refazendo a atividade, já o aluno A3 evidencia a importância do trabalho do professor quando diz que quando recebe o auxílio do professor ele aprende, o aluno A4 diz não se importar com o erro porque aprende em outro momento e por fim o A5 relata que reflete sobre o erro e tenta fazer melhor numa próxima vez. Nesse sentido, fica evidenciado que os alunos têm internalizado o erro não como um vilão e sim como parte do processo do aprender.

Já o participante A2 disse o seguinte: A2 – *Fico muito nervoso, porque sempre penso que acertei aí mando pra professora e ela fala que você errou, daí fico nervoso, porque sempre faço tudo*. O relato de A2, por sua vez, apresenta a dificuldade de lidar com o erro, a frustração de ter pensado que estava certo e a constatação apresentada pela professora de que não está. Os sentimentos produzidos pelo constante erro e a sensação de incapacidade afetam o modo como os alunos significam o aprender, sua relação com o saber e como a aprendizagem de algo novo é recebido. O erro deve ser visto não como algo negativo e sim parte do processo do aprender, levando o aluno a refletir sobre suas ações para crescimento cognitivo (LA TAILLE, 1997).

Outro dado relevante trazido pelos participantes foi em relação às características que um bom aluno deveria ter, a esse respeito os participantes disseram: A1 – *Eu acho que pra ser um bom aluno tem que prestar atenção na matéria e tirar nota alta*. A2 – *O aluno tem que saber fazer as atividades e ser um bom aluno nas matérias, não conversar muito*. A3 – *Tem que respeitar os professores e os colegas e prestar atenção pra tirar nota boa na prova porque senão a gente reprova de novo*. A4 – *O aluno tem que estudar e prestar atenção na aula, pra ser bom pros professores tá ligado, e não ter que ir pra sala da diretora porque senão fica com fama de mau aluno*. A5 – *Estudar ué isso que precisa. **Só estudar?** É... porque se ele estuda daí não vai fazer bagunça e nem conversar daí ele aprende e os professores gosta de gente que presta atenção*

Os excertos demonstram que os participantes consideram a importância do bom comportamento para ser um bom aluno. O aluno identificado como A4 ressalta em sua fala “fica com fama de mau aluno”, percebemos que isso já está internalizado. Observa-se que um dos fatores para o aluno ser considerado “bom” está relacionado com o fato de ser quieto, mais ouvir do que falar e isso são características da escola tradicional, onde somente o professor poderia falar e o aluno receber tais informações sem questionar de forma passiva, onde o professor era visto como detentor do

conhecimento.

Os dados indicam que os alunos têm se preocupado mais em tirar a nota do que em aprender, essa não é somente uma preocupação dos professores, está impregnada nos alunos, porque a escola tem o poder de disseminar isso e é reproduzido desde sempre. Vê-se que a classificação como forma de avaliação tem sido fortemente utilizada ainda nas escolas, demonstrando a preocupação com a nota, medindo se o aluno aprendeu ou não. Para Luckesi (1995), a maior preocupação está em construir com o aluno o percurso de sua aprendizagem. Gualtieri e Lugli (2012, p. 71) afirmam que “o momento chave na determinação do fracasso escolar é a avaliação da aprendizagem, porque é por meio dela que se estabelecem quem pode ou não prosseguir no sistema e também é indissociável do planejamento de ensino”. Para os autores estamos tão presos na maneira que fomos moldados nas tradições escolares que dificilmente o docente consegue mudar sua concepção de ensinar porque já possui suas representações sobre aprendizagem que carregam do modelo escolar.

Outra questão levantada foi em relação ao erro, se quando isso acontece provoca alguma mudança em sua aprendizagem. Vê-se nos relatos abaixo:

A1 – Bom eu tento melhorar prestando mais atenção na aula, nem sei se muda nunca parei pra pensar nisso, já to até acostumada tirar nota baixa, daí nem espero muito sei que sempre erro, eu do até risada.

*A2 – Eu fico nervoso, mas eu tento melhorar. **Mas porque você fica nervoso? Porque achei que estava certo. O erro te traz mudança na sua aprendizagem? Ah eu não gosto de errar porque fica todo mundo me olhando e me chamando de burro, fala que eu nunca vou aprender, daí quando eu erro na prova nem falo pra galera da sala vai que eles ficam me zutando.***

*A3 – Eu tento meio que concertar, antes eu não perguntava para os professores acho que por isso que reprovei. **Você acha que quando você erra isso ajuda pra você aprender?** Não porque se eu soubesse a resposta não precisava fazer de novo porque os inteligentes não erram e passam direto, quando a gente erra é porque não sabe né.*

*A4 – Quando eu erro eu acho que da pra melhorar me concentrando mais, sempre falo que na próxima vez vou fazer direito. **Mas na próxima vez você tenta melhorar mesmo?** Depende se eu ver que vai dar pra passar de ano daí eu tento, mas quando não dá mais tempo de passar eu nem faço direito porque não vai adiantar mesmo.*

A5 – Sim eu aprendo, porque eu tenho a chance de saber que não era aquilo e refazer a atividade, então muda porque daí eu vou aprender.

O aluno identificado como A1, demonstra-se motivado, pois anuncia que refaz a atividade mesmo sabendo da possibilidade de tirar notas baixas. Sanmarti (2009, p. 41) evidencia o erro como “ponto de partida para aprender”, desse modo o aluno deve mudar sua concepção frente ao erro, e vê-lo como algo natural dentro do possível. Já o aluno identificado como A2, mostra-se descontente com a receptividade social, sente-se envergonhado perante seus pares quando erra. Seu descontentamento não

é com a possibilidade de errar, ele sente-se incomodado sim quando erra, mas refaz a atividade, sabe que pode aprender, mas o que parece determinante é o fato de os colegas saberem do seu erro. Para Sanmarti (2009, p. 41), o erro é “algo que os alunos aprendem a esconder para não serem punidos”. Para o autor, a sala de aula deve ser um ambiente tranquilo e não ameaçador para que os alunos se sintam seguros para percorrer a aprendizagem. No relato de A3, percebemos que o aluno considerado inteligente é “aquele que não erra e sim passa de ano direto”, isso vai totalmente oposto ao que Piaget nos apresenta, segundo La Taille (1997, p. 36):

O aluno pode, meio por sorte, acertar rapidamente, a resolução de um problema. Se acertar, sua tendência será, sem maiores reflexões, repetir suas ações num momento posterior, ao passo que, se errar sua tendência será a de refletir mais sobre o problema e sobre as ações que empregou para resolvê-lo.

O aluno A5, demonstra em sua fala certa convicção de sua aprendizagem a partir do erro, e ainda evidencia uma reflexão sobre o que não conseguia fazer antes do erro e o que mudou a partir desse momento. Isso só acontece porque este aluno não encara o erro como o fim do processo, sabendo se autorregular. Apresenta-se a seguir os desenhos que revelam como os participantes veem o sucesso e o fracasso escolar:

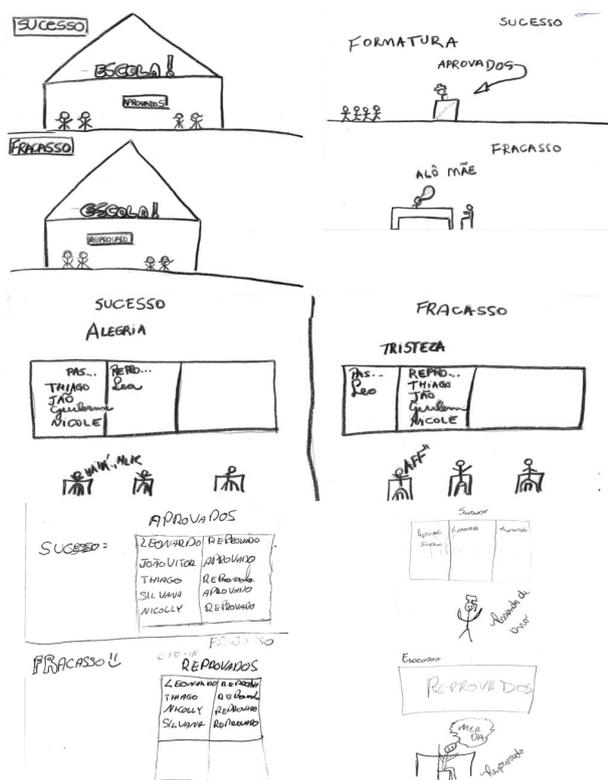


Figura 4 - Significados sobre o sucesso e o fracasso escolar

Fonte: Dados da pesquisa.

Através das representações é possível perceber que eles associam sucesso escolar com aprovação, alegria e formação, enquanto o fracasso é visto como sinônimo de reprovação e tristeza. Os sentimentos negativos e em especial a vergonha são

ressaltados em seus desenhos relacionados à repetência. Carvalho (1997, p. 11) salienta “a associação entre erro/fracasso apresenta-se em nossa mente quase como um substantivo composto ou um binômio, que freqüentemente culmina na reprovação do aluno”. Para o autor tem-se sido taxativo quando se fala do erro, sempre o associando ao fracasso, tanto que quando o erro é associado a algo positivo como, por exemplo, “êxito”, pode gerar estranheza nas pessoas.

Em suma, é possível reconhecer as marcas da exclusão, do silenciamento, da culpabilização, da negação e do abandono no interior da escola, permeando as construções desses alunos/sujeitos em formação. Considera-se necessário dar voz aos alunos que passaram pela experiência da repetência, porque representam um processo que é perverso, tanto nas diferenças de acesso ao saber, quanto nas condições de permanência no sistema excludente que cria suas próprias formas de comprovação de que a escola não pode ser para todos.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo objetivou analisar as significações de alunos com histórico de reprovação do Ensino Fundamental II de uma escola estadual paranaense, sobre como percebem a própria trajetória escolar, as situações de erro e de fracasso na escola. Quando os participantes se referiram ao “próprio fracasso denominado” na escola, percebeu-se correspondência entre as falas dos adolescentes e as discussões apresentadas no referencial teórico deste trabalho, isto é, o aluno é considerado o alvo principal dessa problemática, mas infelizmente como causador de seu próprio fracasso.

Os relatos e os desenhos trazidos pelos participantes nesta pesquisa permitiram esboçar alguns aspectos dos sentimentos dos alunos em relação à escola e deixou visível que eles demonstram sentimento de pertencimento quanto à instituição e atribuem à escola o posto de lugar onde podem aprender e superar as dificuldades existentes. Também geram expectativas positivas para situações futuras, mas apresentam algo contraditório quando evidenciam a escola como negativa, punidora e não libertadora, um lugar onde podem ser regenerados e se não alcançarem sucesso, serão castigados, pois quem não obedece às ordens impostas sofre consequências.

Outro aspecto relevante a ser considerado é o fato dos alunos repetentes serem excluídos dentro da própria escola, alunos rotulados, que acabam por naturalizar a reprovação e se conformar com a posição que ocupam no contexto. Com relação à reprovação foi percebida uma dificuldade por parte dos alunos em resolver as atividades propostas e com isso surge a desmotivação pelo aprender, demonstram vergonha, tristeza e baixa estima quando reprovam. Em nossa análise, consideramos que o aluno tem capacidade de descobrir onde está errando e a partir daí tomar consciência dos erros e superá-los.

Os resultados demonstraram que os participantes acreditam ser possível superar as dificuldades e serem considerados alunos melhores, inclusive demonstram saber o que devem fazer através do interesse nas aulas, questionando quando necessário e conversando menos. Observa-se também que os alunos não se percebem como parte importante do processo da própria aprendizagem. Os resultados apontaram que os alunos têm a consciência de que todos podem aprender, e que além do empenho pessoal, o auxílio do professor é visto como fundamental.

Por fim, consideramos que o erro deve ser visto como um importante elemento para o processo ensino–aprendizagem porque revela os percursos do pensamento do aluno. Se trabalhado no contexto escolar, favorece a intervenção do professor no processo interno de elaboração da aprendizagem o que favorece ainda a mudança de concepção do erro como imagem negativa de constatação do fracasso/sucesso do aluno. O professor tem papel fundamental nesse processo, pois através do diálogo com o aluno e por meio da cooperação pode favorecer o processo de regulação da aprendizagem e desenvolvimento da autonomia. A escola pode, em suas ações cotidianas, promover espaços de superação da reprodução do fracasso por meio de reflexões críticas ancoradas teoricamente por meio de grupos de estudo, de discussão e análise de casos nas reuniões dos conselhos de classe advindos das problemáticas encontradas no interior da própria escola. Se a escola e os envolvidos nela começarem a ver o erro como parte do processo de aprendizagem do aluno, portanto, de uma forma positiva, as significações acerca do processo de ensino-aprendizagem pode modificar os quadros de repetência e evasão escolar.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre e PASSERON Jean-Claude. A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Vozes, 2013. 6ª ed. Cap.1 Livro 2. **Capital Cultural e Comunicação Pedagógica**. p. 93-134

CARVALHO, J. S. F. As noções de erro e fracasso no contexto escolar: algumas considerações preliminares. In: AQUINO, J. G. (Org.). **Erro e fracasso na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus.1997. p. 11-24.

CASEIRO, C. C. F.; GEBRAN, R. A. Avaliação formativa: concepção, práticas e dificuldades. **Nuances Estudos sobre Educação**, Presidente Prudente, SP, v. 15, n. 16, p 141-161, jan./dez. 2008.

GUALTIERI, R. C. E.; LUGLI, R. G. **A escola e o fracasso escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.

LAHIRE, Bernard in: MARCHESI, GIL e cols. Fracasso Escolar: uma perspectiva multicultural. Vozes, 2003.Cap. 5. **As Origens da Desigualdade Escolar**. p. 69-75 e Cap. 10. **A representação Social do Fracasso Escolar**. p.124 -135.

LA TAILLE, Y. O erro na perspectiva piagetiana. In: AQUINO, J. R. G. (Org.). **Erro e fracasso na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1997. p. 25-45.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. São Paulo: Cortez, 1995.

PATTO, M. H. S. **A produção do fracasso escolar**: histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

PIAGET, Jean. **A representação do mundo na criança**. Rio de Janeiro: Record, 1979.

SANMARTI, Neus. **Avaliar para aprender**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

TORRES, R. M. Repetência Escolar: falha do aluno ou falha do sistema? In: MARCHESI, A.; GIL, C. H. (Org.). **Fracasso escolar**: uma perspectiva multicultural. Porto Alegre: Artmed, 2004. P. 34-42.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-208-1

